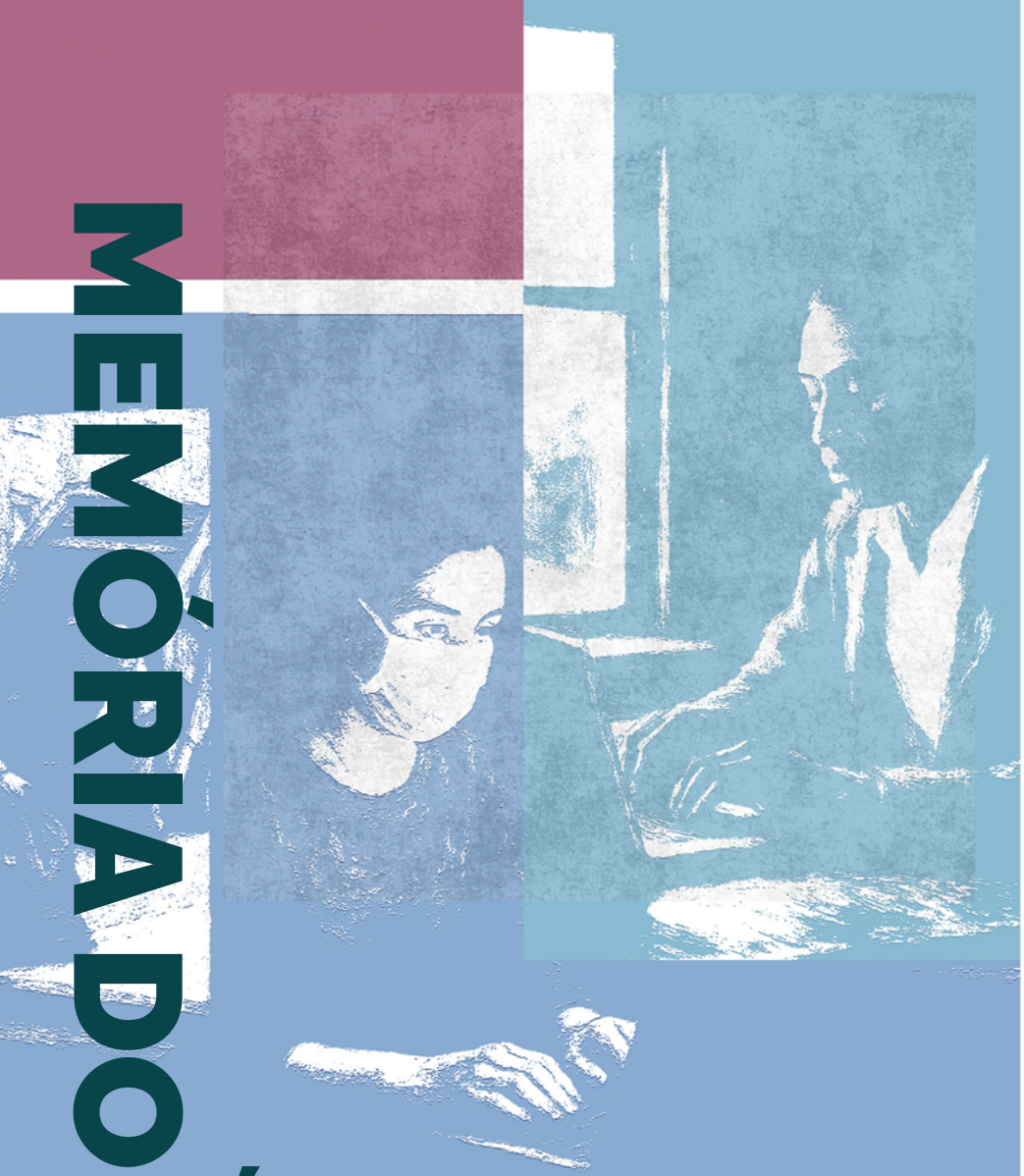
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







4

Juliana Prediger
Fernanda Spanier Amador
Vanessa Maurente
Cleci Maraschin

TRANSFORMAR O TRABALHO E AGIR EM RESPONS(ABILIDADE)

UM JOGO DE CORDAS PARA AS CLÍNICAS DO TRABALHO[1]

1 As autoras deste capítulo tiveram financiamento do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021/ Processo CNPq 409825/2021-2 e apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.4





SUMÁRIO



Este capítulo alinhava um parentesco entre o campo das clínicas do trabalho, ou seja, campo construído na intersecção saúde, trabalho e subjetividade, e o pensamento de Donna Haraway, especialmente ao que tange ao espaço da experiência ficcional como modo de tomar as problemáticas da experiência de trabalhar e seguir, com elas. Seguir para promover possibilidades outras, fazendo, tal como propõe Donna Haraway (2023), conexões parciais entre arte e construção de conhecimento. Analisa como o pensamento da autora contribui ao campo clínico do trabalho, sendo que esse último é composto por distintas abordagens que tratam das conexões entre trabalho, subjetividade e saúde.

Tomamos como inspiração a pesquisa *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação,* na qual operamos, sobretudo, com as abordagens conceituais e metodológicas que tomam o trabalho como atividade. Pensar o trabalho como atividade implica percorrer as nascentes problemáticas do trabalho como experiência. Trata-se de acompanhar o curso daquilo que, no trabalho, pelas tarefas já pensadas, refere-se a um ainda impensado, aquilo que as abre para os percursos do agir no trabalho.

As questões da pesquisa, colocadas a partir do contexto da pandemia de Covid-19, voltam-se para a esfera da experiência do trabalho relativa aos percursos experimentados para gerirem a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, uma vez que naqueles dias intensas transformações no âmbito da experiência do trabalho docente se impuseram.

O momento pedia desenhos de pesquisa que explorassem modos de relação no e pelo trabalho docente envolvidos neste ofício. Isso se colocou em sintonia com a posição de Haraway (Haraway; Goodeve; 2015), de que as metodologias, em qualquer circunstância, precisam prestar-se à criação de relacionalidades e posicionalidades. Considerando que na pandemia, para acessar professoras e





SUMÁRIO



professores em tempos de isolamento e distanciamento social, foi necessário montar um dispositivo de pesquisa peculiar para encontrar aquilo que nos interessava, a atividade.

Pusemo-nos a explorar zonas limiares entre o pensamento da autora, notadamente por sua proposição de permanecer com o problema e pelos conceitos propostos de figuração, *responsability* e *string figures*, e as abordagens clínicas do trabalho interessantes ao projeto. Nessa direção, foi criado um dispositivo metodológico para a pesquisa que conta com uma plataforma digital (https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/). Com ele colhemos histórias do trabalho docente na pandemia, as quais foram mote para conversas travadas pelo espaço interativo propiciado digitalmente, bem como nas Rodas de Conversa realizadas pela plataforma Google Meet.

Conforme propõe Clot (2006), no âmbito da abordagem clínica do trabalho chamada clínica da atividade, na análise do trabalho como atividade o objetivo não reside em perseguir as representações funcionais dos trabalhadores, os rastros do "dever ser" do trabalho, e sim os percursos de como o trabalho se faz por entre um plano de devires do trabalho, o que implica em torná-lo um campo problemático no sentido indicado por Haraway, a saber: fazê-lo durar e dar-lhe densidade enquanto produz-se responsabilidade por suas variações. Prediger (2024; p.111) argumenta que "trabalhar não se trata de executar uma tarefa, mas contempla a atmosfera de que, diante da tarefa, é criado um mundo, por meio da conflituosidade do encontro dos corpos, humanos e não humanos" e que essa conflituosidade, colocada pelo ofício, faz o ofício, ampliando a potência da ação coletiva.

Entendendo que, naquele momento pandêmico encontrava-se no estoque de recursos para agir no trabalho, no gênero profissional, elementos que viriam a gerar tentativas estilísticas de dar conta do trabalho de modos, muitas vezes, jamais vistos antes, as estratégias narrativas e fabulativas foram dispositivo para a produção dos devires do trabalho enquanto campo problemático, de modo que





SUMÁRIO



docentes pudessem trabalhar o ofício, resgatar suas memórias ao mesmo tempo em que a experiência radical que se impunha pudesse ganhar expressão, duração, coletivização.

Articulamos o campo clínico do trabalho com pensamento de Donna Haraway, tal como o fez Prediger (2024), especialmente com os operadores conceituais da figuração e da fabulação, entendendo-as como estratégias de análise do trabalho que produzem a instalação de um campo problemático e permitem percorrer o problema em sua composição e em suas minúcias, conhecendo os suportes que lhe dão condições de possibilidade e convidando assim a lidar com que está se apresentando e que diz de um presente a ser enfrentado agora. Ressaltamos que isso envolve uma corporeidade, que convoca uma dimensão sensorial e que é preciso partir do padrão que está à disposição, ou seja, apreender a problemática de modo situado, corporificado e a partir de então produzir a habilidade necessária para receber e transmitir, tomando o problema como processo que se enfrenta "com".

A pesquisa colocou atenção na dimensão narrativa da conversa, tendo em vista acompanhar e abrir as linhas problemáticas referentes ao trabalho tecidas entre professoras e professores e por entre as suas controvérsias, atentando também para as interferências dialógicas propiciadas pela equipe pesquisadora. Narrar o trabalho como transmissão de uma história que é feita de multiplicidade, conservando a abertura de sentidos e desenvolvendo uma história comum pelo compartilhamento de problemas foi o foco de nossas análises. Uma narrativa traz uma forma que é disponibilizada no coletivo, e ao ser retomada na conversa, pode ser transformada e habitada. É aí que um primeiro aspecto bastante precioso para o campo clínico do trabalho se apresenta no encontro com o que vem propondo Donna Haraway (1997): pela proposição do conceito de difração, a autora ajuda-nos a encaminhar análises produzindo, no mundo de figuras diferentes que emergem a partir da interação, interferência e diferença. Trata-se, assim, de criar possíveis e





SUMÁRIO



impossíveis a partir da perturbação da relação "cópia-original" ou "autêntico-real", já que a difração trata da heterogeneidade e do encadeamento da diferença e não sobre os originais. É oblíqua em relação à narrativa cristalina. "La difracción es una tecnología narrativa, gráfica, psicológica, espiritual y política para crear definiciones consecuentes" (Haraway, 1997, p. 347). Da difração para a figuração o elo está colocado. Para Donna Haraway (1997) figurar significa contar ou calcular e também estar em uma história, ter um papel.

Encontramos no pensamento de Donna Haraway (2016) a proposição de uma metodologia peculiar baseada na sigla SFs, que em inglês se refere às iniciais das expressões fabulação especulativa, fato científico, ficção científica, feminismo especulativo, jogo da cama-de-gato, entre outros, e, a partir disso, somos levados a pensar nas conexões que estabelecemos com os outros, nos padrões e narrativas que nos permitem existir de modos surpreendentes e em nossas práticas concretas.

Existir de modos surpreendentes esteve praticamente na tônica daqueles dias pandêmicos para professoras e professores.

> "*Um dia quando acordamos o computador piscava com muitas mensagens, trabalhos, links, pressão, prazo e solidão. (...) a gestão exata não sei como realizar. Mas em que ninguém se sinta sozinho e nem obrigada a estar ou ser e fazer naquele momento"* (Relato de docente, 2024).

Assim conta a história 'Mudança Repentina'[2], um relato sobre a docência durante a pandemia.

Em outra história, mais uma situação inusitada, uma espécie de trabalho docente realizado em "outro plano" se afigura: *"Virou um trabalho "qualquer", realizado por obrigação, meio "protocolar". Tem dias que eles/as não abrem a câmera e não participam.*

2 Ver em https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/rs-narrativa-de-melo-mudanca-repentina/ 1/ e/ou no capítulo *Narrando com restos: desafios do ofício docente*, deste livro.





SUMÁRIO



Pareço estar numa sessão espírita: 'tem alguém aí? Dê um sinal!'" (2024, relato de docente).

Os SFs são padrões de conexões e narrativas existentes, ao mesmo tempo que são uma forma de encontrarmos esses padrões e narrativas. No jogo *string figures*, conhecido no Brasil como "cama-de-gato", uma pessoa entrega a outra um padrão composto por fios feitos pelo seu entrecruzamento entre os dedos. Somos levados a pensar nas conexões que estabelecemos com os outros, nos padrões que percorrem nossa existência para, a partir desta delimitação, buscar erigir outras possibilidades narrativas sobre o trabalho, compartilhadas e abertas à produção de novos sentidos.

> "Eu penso em sf e camas-de-gato em um sentido triplo de figuração. Primeiro, promiscuamente puxando fibras em eventos e práticas coagulados e densos, eu tento seguir os fios para onde eles levam para rastrear eles e vejo seus emaranhados e padrões como cruciais para permanecer no problema (...). Segundo, a cama-de-gato não é o rastrear, mas a coisa em si, o padrão e a montagem que solicita resposta, a coisa que não é si mesmo, mas com a qual se deve seguir em frente. Terceiro, fazer camas-de-gato é passar e receber, fazer e desfazer, pegar fios e largá-los. Sf é prática e processo; é tornar-se-com os outros em conexões surpreendentes" (Haraway, 2016, p. 3).

Tanto verbais quanto visuais, as figurações em Donna Haraway (1993) consistem em mapas condensados de mundos inteiros. Para a autora, imaginação e realidade atualizam fatos, de modo que ela toma o figurativo como constitutivo de mundos. "Las prácticas de figuración y narración son mucho más que decorados literarios. Las cuestiones para todas nosotras son los tipos de afiliación y de animación; es decir, de parentesco" (Haraway, 1993, p. 364). A autora nos indica pistas sobre como as figurações podem não apenas constituir territórios materiais, semióticos e tecnocientíficos habitáveis, mas, ao serem exploradas, analisadas, construídas e deformadas, elas podem escancarar os paradoxos do presente. Ela discute, por exemplo, a





SUMÁRIO



célebre fala de Sojourner Truth, intitulada "E eu num sô uma mulé? (Ain't I a Women?)", como uma possibilidade de figurar uma humanidade não marcada, irredutível e paradoxal, que nunca se assentaria e, ao mesmo tempo, que exige seu *status* de humanidade.

Deste modo, narrar, figurar, habitar conjugam-se em uma espécie de figura que embaralha o figurativo e o abstrato em uma peculiar experiência de criar a si, ao mundo e a um trabalho, como interessa-nos em nossa pesquisa. Tomamos o dispositivo de produzir, coletivamente, narrativas sobre um presente danoso e improvável, compartilhando a dureza e a inventividade do cotidiano do fazer docente, como uma figuração. Ao mesmo tempo, a construção de um comum se desenhou através da coletivização da experiência do trabalho docente que ora se via absolutamente "bagunçado" em suas estratégias de ofício, oferecendo-se como via de cuidado em saúde. As relações entre professores, tecnologias de compartilhamento de experiências e o projeto de pesquisa se constituíram como relações de parentesco (Haraway, 2022), que vão muito além de laços biológicos ou hereditários, sendo caracterizados por práticas compartilhadas e relações de interdependência, cada vez mais importantes em um planeta danificado. As relações de parentesco são complexas e multifacetadas e estão sempre em transformação, desafiando os modelos tradicionais familiares e ampliando nossas formas de relação com o mundo.

A pesquisa veio ao encontro deste esforço que teve como direção metodológica o protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras na coanálise do trabalho, ainda que em meio a dispositivos absolutamente diversos dos habituais neste campo, tendo em vista a necessidade de isolamento e distanciamento social da época. Preocupando-se com os modos como trabalhadoras e trabalhadores da educação estavam enfrentando a crise sanitária no e pelo trabalho docente, operamos pela instauração de um espaço coletivo de afetação que abrisse à narração de suas histórias cotidianas de exercício do trabalho na pandemia, produzir uma espécie de memorial do





SUMÁRIO



trabalho docente, sustentado na abertura da experiência vivida no e pelo trabalho e por aquelas e aqueles que o realizam. Tais situações de coanálise foram experimentadas nas Rodas de Conversa e também, de certo modo, na própria plataforma da pesquisa pelo caráter interativo a que ela se propôs.

REFAZENDO CONEXÕES NO PRESENTE EM RUÍNAS

O momento pandêmico conjugou um enfraquecimento das políticas públicas por um governo de caráter neoliberal e autoritário – com clara afeição mais pelo lucro de especuladores do que pela produção que se dá nos processos de trabalho e produção[3] –, com a pandemia do Covid-19 impondo um meio no qual as práticas precisaram ser reinventadas atendendo aos novos modos de conviver evocados pela circulação do vírus e em meio aos riscos trazidos pela política neoliberal. E ainda, no limite do risco de reinventar práticas que não correspondam às expectativas de projetos neoliberais e resultem a longo prazo em sabotagem às próprias lutas.

A pandemia, ao mesmo tempo que suspendeu atividades de toda ordem, inclusive as letivas, provocou a invenção de modos de encontro – e de aula. A simples transposição das atividades da docência para o ambiente virtual não foi possível, tendo sido necessárias reinvenções e resistências. Tratou-se de outro mundo a inventar e não de um mundo ao qual se adaptar.

3 Produção de lucro não necessariamente coaduna-se com a produção que se dá na operação de um trabalho. No ato de trabalhar, produzem-se coisas, mas também possibilidades e, na experimentação dessas possibilidades, diferença. Aqueles que promulgam o evangelho do deus mercado tal produção não importa, e mesmo deveria ser esconjurada em favor daquela outra produção sem marcas do lucro (partilha diferencial das vulnerabilidades).





SUMÁRIO



Em seu estudo sobre as relações entre humanos e não humanos, a antropóloga Ana Tsing (2019) explica que os cogumelos matsutake são um tipo de fungo que cresce principalmente em florestas de solos pouco férteis. O que os torna tão especiais é que só conseguem se desenvolver quando estão em parceria com árvores como pinheiros e carvalhos, formando uma relação de troca chamada micorriza, que ajuda tanto o fungo quanto as árvores a sobreviverem. Sem essas árvores, o matsutake não consegue aparecer ou viver. Ele depende dessas alianças para existir, mesmo em ambientes que foram bastante destruídos. Além disso, Tsing (2019) analisa a relação bastante complexa entre humanos e este tipo específico de fungos. Ainda que o mundo neoliberal derrube as florestas, deixando-as em ruínas, a autora atenta para os encontros inesperados entre humanos e os cogumelos matsutake, pensando na potência de relações interespécies. Para ela, humanos e não humanos estão aptos a participar de assembleias que os reconfiguram, ao mesmo tempo em que são transformados por encontros sempre indeterminados. Dessa forma, a intervenção humana pode ou não resultar em sucesso na promoção da biodiversidade ou na ampliação de relações. A "perturbação antrópica" adquire novos contornos, assumindo sentidos que variam desde a do agronegócio, que tende a valorizar negativamente a modificação da floresta (considerando que prejudicaria o ecossistema), até as técnicas sino-japonesas de manejo florestal, que veem maior intervenção como uma estratégia para aumentar as chances de sucesso.

Analisando essa questão do ponto de vista do trabalho docente e as incursões neoliberais (Silva, 2022), na pandemia tratava-se de estarmos atentos ao fato de que aquela situação inusitada haveria de produzir modos de funcionamento coletivos capazes de sustentar professoras, professores, estudantes, pais, comunidades, aulas, escolas, vivendo naquele contexto tão adverso. Interessava-nos olhar para o que professoras e professores faziam, não exatamente para trabalharem a qualquer custo, e sim para criarem conexões outras, produzirem diferença capaz de fortalecê-las/os no e





SUMÁRIO



pelo ofício, fazendo-se capazes de repensá-lo e de modificá-lo nas bases de uma ética da potência pela qual o agir, no e pelo trabalho, se fortalecesse ante as investidas que poderiam representar risco de sua abolição pelas estratégias de individualização inerentes ao neoliberalismo. Em lugar de servir de laboratório para que eventuais mudanças nos processos em educação dali advindas que pudessem desconsiderar longos anos de produção de ofício almejando substituí-lo a qualquer custo em nome de estratégias pautadas pela lógica da economia, haveríamos que sintonizar com a fertilidade daquele momento de modo a cultivarmos o ofício docente no lastro de suas sementes de problematização.

A pandemia produziu um aniquilamento dos recursos físicos, psíquicos, sociais econômicos e políticos de se lidar com um acontecimento de tamanha magnitude e imprevisibilidade. As próprias condições para elaboração de um luto, coletivo ou singular, ficaram em suspenso, dada a sensação de impossibilidade de agir em meio à necropolítica do governo brasileiro de Bolsonaro na ocasião. A maior parte das crianças e adolescentes de escolas públicas brasileiras ficaram sem acesso às atividades escolares de março a setembro de 2020. Ao mesmo tempo, assistimos na televisão uma professora que questionava por que a sociedade não pedia que as professoras e os professores tivessem condições de trabalho adequadas para voltar às escolas ao invés de lhes pedir um sacrifício pessoal. A súplica da professora traz à tona a questão de fundo que perpassa toda nossa pesquisa, a saber, a individualização da responsabilidade com o ofício e com o público atendido. Sabe-se que remeter à individualização é clássica estratégia neoliberal e a ela, os modos de (des)governar a pandemia recorreram exaustivamente. É justamente uma fissura nessa lógica que a pesquisa buscou ao propor o compartilhamento de narrativas para coletivamente tecer cuidado com o ofício e com as pessoas trabalhadoras.

Assim, tomando o trabalho como exercício coletivo que envolve ligação do social ao real e entendendo por real a dimensão





SUMÁRIO



que nos desafia e provoca enfrentamentos insuspeitos que se oferecem como abertura ao devir, pensamos que professoras e professores puderam, enquanto compartilhavam narrativas cotidianas, criar refigurações materializadas que se converteram em cuidado, de si e de seu ofício ao produzir a constituição de outras materialidades e parentescos. Um parentesco com as próprias máquinas e ferramentas digitais. O trabalho de "refiguração" constitui outras figuras que materializam, por meio da atividade, outros sentidos para o ensinar-aprender, relacionado à tarefa de ampliar o jogo dos significados no mundo.

Assim, uma pesquisa clínica do trabalho praticada como pesquisa-intervenção, transforma-se em um dispositivo que, longe de se configurar como caminho para confissão dos limites da subjetividade em uma perspectiva privatista em meio à crise sanitária, possibilitou um mapa dos deslocamentos experimentados na intensa experiência de gerir o trabalho docente com a presença do vírus como ameaça.

Chamamos a atenção para os possíveis a serem criados como práticas de cuidado que percorrem situações de coanálise junto às pessoas que trabalham, traçando as inúmeras artes do fazer que se desenham todos os dias em meio aos tensionamentos provocados pela situação pandêmica. O trabalho é a oportunidade de construirmos o esboço de um mundo mais ou menos comum, indica Clot (2013a; 2013b), tendo em vista que no enfrentamento das infidelidades do meio necessitamos nos exercer normativos, criadores de meio, inventando modos de trabalhar, figurando o mundo. Para Clot (2013b), o trabalho como ofício necessita ser cuidado para que cuidemos das pessoas. O ofício resultando de um trânsito por entre as prescrições para o trabalho, os modos como cultivamos o trabalho em nós, os endereçamentos de nossas ações aos nossos pares e àqueles com quem trabalhamos, ainda conta com uma instância chamada transpessoal, na qual produzem-se gêneros de ação e estilizações.





SUMÁRIO



Investir no trabalho como ofício, como história que é escrita cotidianamente por aquelas e aqueles que trabalham passa a ser apostar na produção de uma memória que se oferece como meio para reinvenção do presente, refigurando materialmente o mundo. Pensamos, então, nos desafios de produzir práticas clínicas do trabalho orientadas pelo cuidado do ofício naquele momento tão crítico da pandemia em que algo impositivo, mas que também, e justamente por isso, suscita resistências, como criações insuspeitas.

CLÍNICA DO TRABALHO E RESPONS-HABILIDADE

O campo das clínicas do trabalho que se ocupa das articulações entre trabalho, subjetividade e saúde, e notadamente as abordagens que analisam o trabalho como atividade (eleitas para orientar a presente pesquisa), a saber, ergologia (Schwartz, 2000) e clínica da atividade (Clot, 2010), oferecem ferramentas conceituais e metodológicas potentes para analisarmos a problemática desenhada na pesquisa. Tributárias das formulações de Canguilhem (2014), tais abordagens se ocupam de acompanhar a normatividade experimentada quando trabalhamos, ou seja, a capacidade transitiva, de movimento e de fazermos passar o trabalho de uma situação à outra. Para o filósofo, vida e norma encontram-se em relação de imanência estando a normatividade vital, como experiência, ligada às transformações e à potência de criação de novos meios de vida diante da variação das normas. Lidando com infidelidades do meio, para usar os termos de Canguilhem (2014), tal normatividade consiste em espécie de modalidade de experiência pela qual a vida insiste em ser reafirmada pela criação ininterrupta de meio para continuar existindo, de maneira que podemos considerar o vírus que nos ameaçava como a principal infidelidade do meio com a qual lidamos naquele momento.





SUMÁRIO



Ora, variação de normas e normatividade foi tudo o que o coronavírus provocou: foram necessárias outras normas para sair à rua, para estar em contato com as pessoas, para tocar os objetos. Tais normas apresentam peculiares impactos a depender do trabalho em questão, não sendo difícil imaginá-los quando se trata dos trabalhos de relação, tais como o docente. Nesta experiência há algo de instigante a ser pesquisado e que concerne à dimensão política da experiência do trabalho. Entendendo a política como esfera que se refere aos modos como gerimos a vida coletiva e levando em consideração que a pandemia consiste, etimologicamente, justo naquilo que se impõe sobre o povo, quando atentamos para a normatividade implicada no exercício do trabalho como atividade colocamos em relevância aquilo que Schwartz (2011) afirma serem os maiores problemas do político. Pelo debate de normas referentes aos modos de trabalhar, mobiliza-se, transversalmente, a história dos seres vivos, a história social e a história de cada trabalhadora ou trabalhador. A essa perspectiva junta-se Clot (2013a) quando afirma que há no trabalho uma iniciativa dos trabalhadores e trabalhadoras que instaura uma relação, no mínimo, modificadora da norma por se desenhar a história dos ofícios enquanto matéria expressiva de uma produção coletiva. Para o autor, experimentar o trabalho como atividade implica em "construção, no comum, de um mundo em que o sujeito pode viver a experiência do real naquilo que ele tem de desconhecido e inesperado" (Clot, 2013a, p. 201), sendo no acontecimento que se reencontra, graças à instituição, o poder de agir sobre o meio, contra a instituição e além dela. Do mesmo modo, a pesquisa sofreu intensa variação de normas, fazendo emergir um modo mestiço de pesquisar, já que foi preciso acolher histórias de professoras e professores, as retrabalhando em coletividade, experimentando um jogo que envolvia o esforço de produzir respostas hábeis a partir daquilo que nos contavam, e que contávamos. Buscamos gerar parentescos entre dois campos de estudos: clínico do trabalho e ética SF de Donna Haraway. Às dimensões política e estética já abordadas, e que estão envolvidas no exercício do trabalho como atividade, junta-se a





SUMÁRIO



ética, no sentido em que a qualidade dos encontros experimentada nas relações de expansão e/ou constrangimento do poder de agir (Clot, 2010) em tempos de pandemia, muito diz dos modos como seguiremos vivendo no e pelo trabalho. Se a pandemia se exerceu sobre o povo, suscitou, também, resistências inusitadas que serão erigidas como modos de produzir e viver já que não se trata de simplesmente retomar a produção que tínhamos antes da crise sanitária e sim, de inventar um mundo para viver.

O trabalho cultivado enquanto ofício torna-se oportunidade de construirmos o esboço de um mundo mais ou menos comum, como indica Clot (2013a), esboço esse que necessita ser cuidado para que se cuide de quem trabalha. Haveria uma habilidade do ofício operada por um mecanismo coletivo dependente dos próprios trabalhadores sendo por tais mecanismos que subjetividades são produzidas, assim como processos de saúde são experimentados. Vivendo dramas dos usos de si (Schwartz, 2007), professoras e professores fizeram uma espécie de corpo coletivo, corpo-si nas palavras do autor, que catalisou planos de história pessoal, coletiva e por-vir envolvendo sensações e memória "sem que se pense realmente" (Schwartz, 2007, p. 211). Espécie de corpo que longe de ser uma unidade psicofísica, acessou uma zona de forças que implicou em micropercepções e infrassentidos por onde os trabalhadores conectaram com um plano nada interior e privativo e sim, exterior, da ordem do comum (Amador; Fonseca, 2014).

Propondo dispositivos de produção de narrativa por entre e para além das dores, temores e invenções da pandemia, dispositivos estes que mobilizam o narrar das minúcias, das criações, dos sonhos, dos erros, permitindo assim que o trabalho possa ser vislumbrado, vivido e compartilhado para além do acachapante "resultado final", fomos guiados pela problematização do trabalho como atividade, em especial conexão com a figuração como um dispositivo metodológico advindo de Haraway (2016). Esse dispositivo não é "inocente", termo no qual Haraway insiste, ele comporta uma disputa,





SUMÁRIO



uma política narrativa para enfrentar as narrativas heroicas. Para discutir essa questão, Haraway lança mão de um pequeno ensaio de Úrsula Le Guin (2021), retomado por Prediger (2024), para argumentar que a história da humanidade é contada, já desde as pinturas rupestres, a partir de um ponto de vista do heroísmo, gravado nas pedras contando as grandes caçadas, seus perigos, suas armas, sua glória. Le Guin traz à luz narrativas silenciadas ao se contar a história da sobrevivência da humanidade, que se fez principalmente a partir da coleta de frutas, de pequenos animais e de sementes. Para transportar a coleta, o instrumento necessário foi um cesto, uma bolsa ou qualquer outro equipamento que pudesse ampliar a capacidade de carregar coisas. A bolsa é a figuração proposta por Le Guin para validar as pequenas histórias que compõem a humanidade. Prediger (2024) nos diz que para Yves Clot, "o ofício é uma dimensão histórica e nômade do trabalho, coletivamente sustentada, é uma dimensão de partilha" (Prediger, 2024, p. 171). Esse nomadismo também pode se valer de uma bolsa para resistir.

A história do ofício é, pois, composta por elementos sutis, tramados em um cotidiano compartilhado e que mais, do que ser portada por quem trabalha, ela é agida no cotidiano do trabalho, sempre aberta a ser refeita em um exercício cuja responsabilidade ética relativa a seus efeitos no mundo é baliza para a ação. Pelo ofício, uma certa "artistagem" é experimentada por entre o trabalho em situação, espécie de obra de arte inacabada que permite sua insistente reinvenção.

Yves Clot (2006b) no rastro de Canguilhem afirma que não se trata de apenas sobreviver em um contexto, mas de produzir um contexto para viver quando o tema é trabalho e saúde. Para ele, criar um contexto para viver é condição na qual atividade e saúde são sinônimas, estando o poder de agir sobre si e o mundo relacionado a tal criação. Neste processo, trata-se de desenvolver o repertório de ações possíveis que constitui a história coletiva do ofício, que inclui as questões sem respostas, o que se realiza e o que não se realiza





SUMÁRIO



no curso da atividade. Esta memória pode encontrar um futuro na ação justamente no tecido da transformação que a sustenta. É assim que o autor nos indica que nada é mais importante do que atacar o ofício para defendê-lo já que não se pode viver a menos que a última palavra não seja jamais dita e o último gesto, jamais completado. Deste modo, os caminhos do desenvolvimento da atividade de trabalho passam por não endossarmos a finitude da história de cada trabalhadora e trabalhador, tecido por meio de uma história coletiva.

Exercer o trabalho como ofício possibilita um encontro com o irrealizado, a possibilidade de agenciamento de devires inconscientes. Portanto, quando trabalhadoras e trabalhadores exercem seu ofício, estão a transitar por uma potência subjetiva impessoal, por um coletivo de forças e por agenciamento de afetos capazes de, pelos deslocamentos que produzem, fomentar diferença na história. O mundo que habitamos, como humanos, é composto de histórias e essas são o meio pelo qual esse mundo segue existindo, o passado é significado, o presente é entendido e o futuro é antecipado, seja sob a forma de temor, sonho ou projeto. O humano, animal político, usa-se e é usado pelas histórias para gerar comunidade, para sonhar e trabalhar junto, para inventar modos de ser mais do que é. "Suportamos" o mundo por histórias.

Haraway (1997) lembra que o que conta como humano e como não humano não é dado por definição, mas apenas por relação, pelo envolvimento em encontros mundanos situados. Nesta perspectiva, os corpos não são, mas se efetuam em conexões vitais de diferentes graus (Haraway, 2016). A autora denomina essas novas histórias de refiguração materializada. Elas reorganizam fronteiras no mundo social conduzida pela criação de novas figuras, não apenas textuais, mas de fato materiais, no mundo. Considerando-se que a experiência com as tecnologias digitais que se produz no ensino remoto é uma relação de acoplamento, que desloca as categorias e formas habituais da atividade docente, estaríamos diante de uma mutação da atividade docente? Uma outra figura? e-docente?





SUMÁRIO



E ainda, uma mutação do pesquisar? E no caso da pandemia isso teria se dado de modo intenso e urgente cujo rastro em termos de memória de ofício merece ser traçado?

Figurações envolvem fabulações e imagens que podem se materializar de modo serializado. Neste sentido, pensar nas figuras que habitam os corpos docentes de um modo hegemônico permite desnaturalizações e explicitações das impossibilidades que se colocam neste momento. Mas, para além disso, quando nos colocamos a construir novas figurações, hibridizando tempos, espaços, corpos e formas de parentesco entre espécies, podemos bifurcar modos opressores de existência, por meio de um adensamento do presente, que se desdobra como condição de possibilidade para a invenção. Para a autora, construir figurações "é rearrumar o palco para possíveis passados e futuros" (Haraway, 1993; p. 277).

Retomemos a proposta do jogo de cama de gatos como uma figura, ou uma "metodologia com 'm' minúsculo" que opera a construção e troca de padrões (Haraway; Goodeve, 2015, p. 63). Trata-se de uma figura de construção de relacionalidade não antagônicas, mas baseada na confiança. Neste jogo não existe uma disputa, mas a entrega de um padrão a ser transformado, uma ação de soltar os fios e acompanhar suas consequências em outras mãos. Participar do jogo transforma os jogadores em coautores do que Donna Haraway chama de respons-habilidade, ou seja, nossa capacidade para construir respostas hábeis. Em um contexto pandêmico, no qual o isolamento social inaugura um campo de imprevisibilidade sem precedentes para a educação, docentes são constrangidos a apresentar soluções imediatas, pensadas, muitas vezes, na ausência de outros seres envolvidos no processo, sendo impelidos a fazer uma suposição do sucesso ou fracasso de acoplamentos futuros. Por outro lado, a perturbação mais premente em relação às práticas pedagógicas hegemônicas trazidas pelo ensino remoto consistiram justamente em evidenciar a impossibilidade de pensar em soluções de modo isolado. O trabalho docente se fazia, então, o de confiar,





SUMÁRIO



construir respostas hábeis junto a outros atores, considerados na maioria das vezes, coadjuvantes dos processos: alunos, responsáveis e dispositivos técnicos.

A possibilidade de construirmos respons-habilidade surge quando habitamos o problema, criando laços de parentesco surpreendentes que nos ajudam a morrer e a viver bem em um presente espesso (Haraway, 2016). O cotidiano de professoras e professores foi e tem sido a partir da pandemia, o de suportar a permanência no problema que se coloca como um presente distópico, mas também como uma rachadura que provoca o pensamento e a invenção. Narrar estes processos consiste em mais do que compartilhá-los, fazer deles parentes na construção coletiva por outras possibilidades de ensino e de aprendizagem.

Ingredientes foram oferecidos referentes ao como a questão do trabalho docente na pandemia vinha fazendo problema, problema aqui entendido como operação que sustenta análises e produção de soluções inventivas que alimentam, sucessivamente, novas análises, aos professores e professoras no auge da situação pandêmica. Um desses planos referiu-se a como seria retornar à escola presencial. Quando em determinada situação em Roda de Conversa este foi o tema, a pesquisadora compartilha uma epifania: "fiquei pensando em como seria voltar à universidade e chegar lá com tudo em ruínas e aqueles seres sem boca chegando...(...) como serão os encontros (...)". Logo em seguida a professora compartilha outra epifania:

> "...eu tava imaginando o prédio assim com *dispensers* de álcool gel, uma forma intervenção, tapetes sanitizantes até a PUC, uns indo pela Bento, uns pela Ipiranga, assim viajando assim, porque é esse retorno que não chega e a gente sem perspectiva nenhuma, e a gente sabendo que tem estudantes em sofrimento e uma dificuldade da gente discutir enquanto coletivo" (Relato de professora).

Em uma espécie de transe figurativo e fabulativo, corpos alterados por máscaras protetoras e cidades feitas de tapetes





SUMÁRIO



sanitizantes indicam afetos ora vividos, enquanto se experimentava perplexidade, fragilização dos coletivos e enormes desafios relativos ao que se entende da competência de professoras e professores. Fabular e figurar aqui aparecem como operações inerentes ao próprio exercício do trabalho de microgestão dos processos de trabalho naqueles dias cheios de riscos. Fabular e figurar tornou-se um meio para fazer meio de existência, ampliando possibilidades para habitar um problema do trabalhar que não encontrava referencialidade no ofício. O ofício, ao mesmo tempo em que é portado, carregando histórias, normas, habilidades, relacionalidades, é vivido, encarnado, posto à prova e transformado. A dinâmica do trabalhar é composta por prever, imaginar saídas, procurar recursos na experiência e lançar-se na ação – o ofício é agido. Para o ofício atravessar a pandemia e seus desdobramentos, pensamos ter sido necessário investir na experimentação de mundos, no habitar dos problemas para além do trabalho em ato, mas pela produção de experiência via figuração, em uma transformação emergencial dos recursos de nossa bolsa, o ofício. Figurar e lançar ao coletivo, refigurar, habitar o problema, segurar o problema entre os dentes, agir o problema e torná-lo outro(s) em respons-habilidade.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Fernanda Spanier; FONSECA, Tania Mara Galli. Atividade: o trabalho sob o signo do inacabamento. *In:* ROSEMBERG, Dulcinea Sarmento; ROCHI FILHO, Jair; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (orgs.). **Trabalho docente e poder de agir:** clínica da atividade, devires e análises. Vitória: EDUFES, 2014.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.





SUMÁRIO



CLOT, Yves. Clinique du travail et clinique de l'activité. *In:* CLOT, Yves; LHUILIER, Dominique. (dir.). **Perspectives en clinique du travail**. 1 ed. Paris: Érès, 2006b.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. A contribuição de Tosquelles à Clínica do Trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 199-208, 2013a.

CLOT, Yves. O ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. especial 1, p. 1-11, 2013b.

HARAWAY, Donna J. O humano numa paisagem pós-humanista. **Revista Estudos Feministas**, v. 1, n. 2, p. 277-292, 1993.

HARAWAY, Donna J. **Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©_Meets_OncoMouse™:** Feminism and Technoscience. New York: Routledge, 1997.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble:** Making kin in the Chthulucene. Durham; Londres: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna J. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna J. & GOODEVE, Thyrza Nichols. Fragmentos: Quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 48-68, 2015.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PREDIGER, Juliana. **Agir para nada:** fabulando o poder de agir no e pelo trabalho na Política de Assistência Estudantil. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

SCHWARTZ, Yves. A Comunidade Científica Ampliada e o Regime de Produção de Saberes. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 7, p. 38-46, 2000.

SCHWARTZ, Yves. Uso de si e competência. *In:* SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (orgs.). **Trabalho e ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.





SUMÁRIO



SCHWARTZ, Yves. Manifesto por um ergoengajamento. *In:* BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea. (orgs.). **Clínicas do trabalho:** novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

SILVA, Lúcia Almeida da. **A produção de saúde e resistência por entre a microgestão do ofício na educação:** "ninguém vai tirar a alegria que eu sinto pelo que eu faço". Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.